

Identities femininas: marcadores étnico-raciais de alunas afrodescendentes do ensino médio na cultura do Colégio Estadual Professora Marileine da Silva, Salvador

Identities femininas: marcadores étnico-raciales de estudiantes secundarias afrodescendentes en la cultura de la escuela publica Profesora Marileine da Silva, Salvador

Joelma Floriano Tosta Gomes
Gilmario Moreira Brito
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)
Salvador-Brasil

Resumo:

O objetivo do artigo é compreender percepções e sentimentos relacionados a identidades e marcadores étnico-raciais que alunas afrodescendentes do ensino médio estabeleceram nas relações entre si e com outros sujeitos inseridos na cultura do Colégio Estadual Professora Marileine da Silva, em Salvador, Bahia. Trata-se de pesquisa qualitativa baseada em documentos do colégio, nas observações do cotidiano da sala de aula e espaços de convivência cruzados com a metodologia da história oral. Os relatos e silêncios sobre estereótipos corporais possibilitaram identificar, nas entrevistas das estudantes, percepções de discriminação que ganharam evidências nos preconceitos sobre marcadores estéticos afro-brasileiros presentes em disputas étnico-raciais, estabelecendo diálogos com (Hall, 2006), (Gomes, 2002; 2017), (Silva, 2005), (Silva, 2011), (Evaristo, 2008), (Gatti, 2010), (Ribeiro, 2019).

Palavras-chave: Identities; Alunas afrodescendentes; Marcadores étnico-raciais.

Resumen:

El objetivo de este artículo es comprender las percepciones y sentimientos relacionados con las identidades y marcadores étnico-raciales que las estudiantes afrodescendientes de la secundaria han establecido en sus relaciones entre sí y con otros sujetos insertos en la cultura del Colegio Estadual Professora Marileine da Silva, en Salvador, Bahía. Se trata de una investigación cualitativa, basada en documentos de la escuela, en observaciones de la vida cotidiana del aula y de los espacios y de los espacios vitales cruzados con la metodología de la historia oral. Los relatos y silencios sobre los estereotipos corporales permitieron identificar, en las entrevistas de los estudiantes, percepciones de discriminación que se evidenciaron en los prejuicios sobre los marcadores estéticos afrobrasileños presentes en las disputas étnico-raciales, estableciendo diálogos con Hall (2006), Gomes (2002; 2017), Silva (2005); Silva (2011), Evaristo (2008), Gatti (2010); Ribeiro (2019).

Palabras clave: Identities; Las estudiantes afrodescendientes; Marcadores étnico-raciales;

Introdução

Trajatórias de corpos de negros e de negras foram, durante muito tempo, silenciados na escrita da história, apesar das lutas permanentes que produziram para inscrever seus lugares na história. Nesse processo, alimentaram tradições ancestrais de enfrentamentos culturais e religiosas que, atualmente, recorrem a novos processos organizativos e a meios de comunicação para disputar na sociedade a garantia de respeito, oportunidades e direitos. Quando se trata de corpos de mulheres negras, os confrontos são ainda maiores, tanto buscam a ocupação dos espaços negados, como precisam disputar por direitos iguais com homens e mulheres não negras. Nessa perspectiva, (Evaristo, 2008, p.25) sonha que “os dias da menina e a vida surge grata descruzando as tranças e a veste surge farta justa e definida e o sangue se estanca passeando tranquilo na veia de novos caminhos, esperança”. Na pesquisa, as tensões que afloraram estavam relacionadas aos usos das roupas que as estudantes entrevistadas desejam usar. Nas suas entrevistas as jovens estudantes lembram que era necessário lutar para usar roupas, acessórios e penteados que queriam, sem serem afrontadas, constrangidas e humilhadas quando usavam referências estéticas das culturas africana e afro-brasileira que lhes pertencem.

De acordo com Gomes e Souza (2022, p. 4) as pesquisas em educação que tratam do corpo, gênero e sexualidades recorrendo a saberes colonizados nas universidades em modelos e metodologias de pesquisas assentados no racionalismo precisam ser repensadas, porque recorrem a técnicas que não conseguem apreender a complexidade desses temas, tanto por falta de alcance, como pela cristalização de processos convenientes às instituições que produzem o conhecimento.

Nessa perspectiva, a pesquisa, submetida e aprovada pelo comitê de ética, foi realizada usando como estratégia uma gincana promovida por gestores, professores, alunos e funcionários do CEPMS, com base, principalmente, nas entrevistas de nove jovens estudantes afrodescendentes que se dispuseram a participar¹ da pesquisa mais ampla desenvolvida como dissertação no Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia. Neste artigo, pretendemos responder à pergunta: quais as percepções e os sentimentos das estudantes afro-

brasileiras acerca de seus corpos nas relações que estabelecem no referido colégio? Seleccionamos as categorias identidades femininas, alunas afrodescendentes; marcadores étnico-raciais; cultura do CEPMS.

As participantes são jovens estudantes do sexo feminino matriculadas do terceiro ano C do ensino médio, na faixa etária de 17 e 18 anos, que revelaram nas entrevistas suas marcas, sentimentos e percepções dos seus corpos. As respostas possibilitaram compreender as relações étnico-raciais, culturais e estéticas que estabeleceram no colégio no tempo presente. Por questões de ética, os nomes próprios foram substituídos por nomes de mulheres que, ainda hoje, protagonizam lutas pelas visibilidades femininas e pelo antirracismo, são elas: Acotirene, Carolina de Jesus, Conceição Evaristo, Dandara, Luísa Mahim, Maria Felipa, Marielle Franco, Zeferina e Miríade, uma estudante de energia singular.

Trata-se de pesquisa qualitativa baseada na revisão bibliográfica e nas observações registradas no diário de campo sobre o cotidiano do colégio, a cultura escolar, a participação na gincana e o projeto político pedagógico. Recorremos à metodologia da história oral para produzir fontes baseadas nas entrevistas com as nove estudantes. Nesse processo, observamos, à medida que desfiava o novelo das falas das alunas, que as abordagens das estudantes estavam interligadas aos lugares de fala como personagens constituintes da cultura e da história do colégio.

Todavia, é importante considerar que estávamos lidando com dimensões da memória que, conforme (Matos e Sena, 2011), é uma construção feita no presente, a partir de vivências ocorridas no passado, em um processo no qual as memórias individuais e coletivas se confundem porque não somos “ilhas” – estamos sujeitos a sofrer influências, bem como a influenciar os grupos aos quais pertencemos e nos identificamos. Nesse sentido, com o procedimento metodológico da história oral, buscou-se registrar impressões, vivências e lembranças das estudantes que se dispuseram a compartilhar as memórias e, dessa forma, permitiram ter acesso a diversas percepções e complexos sentimentos vividos, porém ricos, dinâmicos e coloridos em situações que, de outra forma, não teriam conhecido. Neste artigo apresentamos inferências e interpretações de relatos prestados durante a pesquisa por: Zeferina, 16 anos, cor preta; Mariele, 17 anos, cor branca; Miríade, 17 anos, cor parda; Dandara, 18 anos, cor preta e Conceição Evaristo, 18 anos, cor preta, a partir dos quais buscamos localizar percepções e sentimentos das jovens

estudantes afro-brasileiras sobre a identidade, estética de corpos negros na cultura escolar do CEPMS.

Marcas de corpos em movimentos: “quem ouviu o soluçar de dor”

O Colégio Estadual Professora Marileine da Silva, onde estudam as nove entrevistadas na pesquisa, está localizado no bairro da Mata Escura em Salvador, uma localidade na qual os moradores se autodeclararam negros. Conforme dados do (IBGE, 2012), a maioria dos habitantes se autodeclarou parda (53,59%) e preta (31,52%), juntas representam 85,1% do contingente populacional do bairro. O percentual dos autodeclarados pardos e pretos encontrados no bairro é maior do que percentual estatístico verificado para a cidade de Salvador, onde os 52% dos pardos e pretos representam a maioria, enquanto os pretos são apenas 28% dos soteropolitanos. A população branca que habita a Mata Escura, ainda segundo o (IBGE, 2010), é de apenas 12,9%, seguida de 1,6% dos amarelos e 0,3 % dos indígenas do universo populacional do bairro de Salvador.

Quando foram indagadas a respeito da cor da pele, as nove estudantes entrevistadas do terceiro ano C do CEPMS, se autodeclararam da seguinte forma: seis autodeclararam-se negras, uma se autodeclarou parda, uma permaneceu indecisa entre ser parda ou negra, e uma se autodeclarou branca, apesar da cútis preta. É importante esclarecer que consideramos a autodeclaração das estudantes, como negras, aludindo à cor preta de acordo com a referência do IBGE que delimita as opções de cor branca, preta, parda, indígena e amarela. Inferimos na análise das entrevistas que as estudantes autodeclaradas negras estão conscientes que são classificadas pelo Instituto como pretas.

Foi possível observar no cotidiano do colégio a constância dos marcadores corporais que juntaram elementos favoráveis ao fortalecimento de evidências materiais e simbólicas assimiladas em um processo de construção de identidades que reclamava visibilidades para os corpos femininos das estudantes na cultura do CEPMS. Naquele cotidiano, havia corpos em movimentos, sentindo, pensando e agindo. Apesar dessa participação dinâmica, em alguns momentos, surgiam marcas corporais reveladoras de sofrimento, tristezas, insatisfação, frustrações, dito de outra forma, diante das dificuldades de enfrentar e conduzir os problemas enfrentados em seus modos de vida, as alunas do colégio, procuravam chamar a atenção para a necessidade de conseguir, com

urgência, olhares, escutas e ações que incorporassem no currículo e nas práticas pedagógicas anseios e elementos culturais das estudantes entrevistadas na pesquisa bem como as/os demais alunas/os do colégio. Nesse sentido, era preciso parar e rever as agruras sinalizadas nas marcas corporais que adentram e angustiam as estudantes.

No decorrer do processo investigativo, a direção e coordenadores pedagógicos do colégio sinalizaram a preocupação com os corpos juvenis, ao detectar a existência de estudantes que praticavam autopunição marcando os corpos como forma de castigo que supomos estar relacionada a múltiplas e complexas questões das subjetividades pessoais: busca de reconhecimento, de visibilidade, individualismo acirrado, situações familiares, sexualidades, depressão, enfim, problemas emocionais, sociais e culturais que os/as jovens estudantes não conseguiam resolver sozinhas/os. Constatava-se que as escoriações e feridas marcadas nos corpos de estudantes eram reveladoras de apelos e sofrimentos datados. A estratégia pedagógica da direção e das coordenações da instituição para coletivizar e discutir as autopunições foi promover uma gincana em 2019 com o objetivo de valorização da vida. A dinâmica mobilização do colégio definiu, entre outros, o objetivo de promover atividades individuais e coletivas que possibilitassem elevar a autoestima dos estudantes através da apresentação de palestras relacionadas aos temas elencadas, recorrendo ao uso de danças, músicas e artes plásticas, ocupações com as quais imaginavam poder minimizar as dores desses estudantes. Ao que parece, a estratégia usada na gincana rendeu aprendizados e frutos importantes como: o acolhimento às diferenças, o incentivo a demonstrações de afetos por meio de laços de amizades entre colegas que se estenderam a professores estabelecidos no período de ensino. Tais manifestações tornaram-se mais presentes no cotidiano do colégio.

Uma das estudantes fez um relato importante sobre os inter-relacionamentos obtidos com a estratégia pedagógica da gincana. Na opinião de Miríade (2019):

[...] com a gincana, as diferenças ficaram de lado. Eu acho que a gincana foi muito importante por isso. Porque a gente se uniu bastante em prol de que a nossa equipe ganhasse; deixamos as diferenças, as divergências, as brigas para nos unir em prol da gincana, e depois da gincana, a amizade continuou, então isso foi bem legal. A importância da gincana foi que ela conseguiu unir pessoas que antes não conseguiam, tipo nem trocar um bom dia, porque tinha rançoⁱⁱ e depois da gincana a gente se uniu. A gente aprende muito junto. Eu acho que é isso, não é? Larga as diferenças e todo mundo fica unido, é bem legal.

A estudante Mirfáde lembra-se da importância da gincana como uma mobilização que trouxe como resultado a promoção de laços de “união” que, possibilitaram manter as diferenças e divergências à parte, e aumentaram as inter-relações na construção de amizades que perduram depois do evento. Dessa maneira, a direção e as coordenações do Colégio Estadual Marileine da Silva parecem ter acolhido os recados e as reclamações corporais, performáticas, verbais e iconográficas manifestadas pelos estudantes no âmbito da cultura da escola que emergiram durante a realização da gincana, na qual, explorando as linguagens e a criatividade, as/os participantes apresentaram valores e condutas estudantis para serem disseminadas no evento.

Alves (2003) destaca que as mudanças na história são traçadas em nosso dia a dia de modos não detectáveis no momento mesmo de sua ocorrência, mas em lances que não prevemos, nem dos quais nos damos conta no momento e no espaço em que se dão, mas que vão “acontecendo”. Os trabalhos que se preocupam com o cotidiano da escola e com os diferentes modos culturais presentes no dia a dia da escola partem do entendimento de que é nesse processo que aprendemos e ensinamos a ler, a escrever, a contar, a colocar questões ao mundo que nos cerca, à natureza, à maneira como homens/mulheres se relacionam entre si e com ela, a poetizar a vida, a amar o outro. Ou seja, ao mesmo tempo em que reproduzimos o que aprendemos com as outras gerações e com as linhas sociais determinantes do poder hegemônico, vamos criando, todo dia, novas formas de ser e de fazer que, “mascaradas”, vão se integrando aos nossos contextos e ao nosso corpo antes de serem apropriadas e postas para consumo, ou se acumulem e mudem a sociedade em todas as suas relações.

Ainda sobre a produção e transmissão de valores e normas inseridos na cultura escolar e de suas aproximações e seus afastamentos com os contextos das sociedades, Gatti (2010, p.188) argumenta que:

A escola é concebida não só como espaço de disseminação de conhecimentos. Mas também em sentido mais amplo de produção e transmissão de cultura, valores e normas que são aplicados tanto no espaço interno da escola, quanto perante a sociedade. Historicamente, essa instituição constrói uma cultura e estabelece uma identidade única, com maior ou menor aproximação ao contexto no qual está inserida, criando assim, uma imagem frente a sociedade, por meio de suas práticas cotidianas que são efetivadas por seus agentes (professores, administradores, alunos e funcionários), estabelecendo, desse modo, importante papel no desenvolvimento da sociedade.

A busca de estudantes pelas identidades pode ser feita mediante interações e confrontos com os coletivos, ou seja, aproximações e afastamentos de grupos que melhor os representem de acordo com referências culturais que os identificam. Nas observações realizadas em sala de aula e nas constatações do cotidiano, percebemos na atividade coletiva da gincana que os marcadores culturais das estudantes estão relacionados ao culto do cabelo afro e às preferências a estilos de danças e músicas. A esse respeito, (Silva, 2011, p. 82) pontua que “[...] a afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, nas operações de incluir e de excluir. Como vimos, dizer ‘o que somos’ significa também dizer ‘o que não somos’”. A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Ainda de acordo com Silva (2011, p.82):

[...] afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação “nós” e “eles”. Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção, supõem e, ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder. [...] Os pronomes “nós” e “eles” não são, aqui, simples distinções gramaticais, mas evidentes indicadores de posições de sujeito fortemente marcado por relações de poder.

Ao analisar a cultura do CEPMS, consideramos que havia indicadores de uma cultura própria, porque localizamos evidências que não se relacionam apenas com os modos de reprodução e difusão de conteúdos, mas seus atores principais (estudantes, professores, gestores e famílias) produzem expressões a partir de linguagens, modos de conversação e comunicação característicos de uma cultura particular do colégio. Nessa perspectiva, existem na cultura que adentra os muros da “escola” ou sai dela para a sociedade trocas de valores, a exemplo das culturas do cabelo afro ou *black*. Nesse sentido, as demarcações de fronteiras realizadas pelas estudantes são evidenciadas nas inter-relações que possuem com os colegas. Considerando que as lutas étnico-raciais se inscrevem nas disputas entre grupos sociais, é possível identificar que as buscas por afirmações de estéticas negras que tomam lugar e visibilidade nos corpos negros são demarcações de poder, cujas disputas estabelecidas dentro e fora do colégio estejam propensas a críticas discriminatórias e alvos racistas.

Identidades e memórias de resistências de alunas afro-brasileiras do CEPMS: vozes que ecoam

As identidades das jovens estudantes afro-brasileiras pesquisadas são mediadas

por expressões corporais de memórias que trazem os sentidos da guarda, das recordações de suas experiências, dos silêncios marcados por esquecimentos, não ditos, de movimentos expressos em relações culturais e estéticas, como linguagens que inscrevem ou apagam os lugares das estudantes dentro e fora do CEPMS. O corpo negro obteve pouca atenção da historiografia, mas carrega consigo “baús” de linguagens e manifestações culturais que podem revelar os lugares que os sujeitos em suas manifestações pessoais, coletivas ou ancestrais lutam para se inscrever nas memórias e na história. Nesse sentido, a busca pelo agrupamento, pela união se revestem nas possibilidades de fortalecimento das visibilidades das jovens estudantes, e assim, à medida que estabelecem aproximações e afastamentos vão construindo elementos de afirmações identitárias. Para Gomes (2017), ter um corpo negro e expressar a negritude começa a ser percebido socialmente como uma forma positiva de expressão da cultura e da afirmação da identidade. Essa percepção passa de um movimento interno construído no seio da comunidade negra para um movimento externo de valorização da estética e da corporeidade negra no plano social e cultural. Foi a identificação das formas como gostam de usar os cabelos e as vestes que possibilitaram inferir das vozes das estudantes do 3º ano C os significados que essas referências estéticas têm para seus corpos.

A estudante Dandara (2019), em sua entrevista, expressa que gosta de usar o penteado do cabelo no estilo *black* ou trançado, e justifica: “Eu gosto de usar *black* ou trança, porque eu me identifico com a estética afro”. Expressando-se sobre a mesma temática, em outra entrevista, Miríade (2019) destaca que existem críticas e comentários a respeito das vestimentas das jovens estudantes que estão relacionadas à exposição do corpo feminino, do curto, do decotado e do justo. Posicionando-se de forma contrária aos julgamentos negativos, ela defende que as mulheres devem ter a liberdade de poderem vestir o que quiserem, o que gostam, o que se sentem confortáveis, e não o que são obrigadas a vestir somente para agradar a outrem. Assim, acredita que as mulheres devem se vestir do jeito que gostam e todos têm que respeitar a escolha da indumentária, já que considera importante vestir o que se sente confortável:

[...] Que há críticas, que há comentários. Eu acho que as pessoas têm que se vestir do jeito que elas querem, do jeito que elas gostam. Não é que elas estejam confortáveis com o que estão vestindo da mesma forma que uma pessoa que não gosta de vestir uma roupa tão curta assim não seja obrigada a vestir. Eu acho que é isso. Nem uma que gosta de vestir roupas mais curtas,

mais justas, tenha que se vestir de uma forma tipo freira para agradar ninguém. Acho que todo mundo tem que se vestir do jeito que gosta, do jeito que quer e temos que respeitar, independentemente de qualquer coisa. [...], mas eu acho que há mais crítica com isso, quando é mais exposição do corpo né, do corpo feminino (Miríade, 2019).

As estudantes traçam linhas sobre os aspectos críticos das referências estéticas com as quais se identificam, defendendo a liberdade das pessoas de poderem vestir o que gostam, sem a obrigação de seguir um padrão que não interessa, e, principalmente, quando se trata do corpo feminino, aconselha a importância de se manter o respeito por essa iniciativa.

Quando se perguntou quais os penteados, modelos estéticos, que as jovens gostavam de usar, e por quê. Dandara (2019) lembrou em sua entrevista a percepção das pessoas sobre o seu cabelo:

As pessoas olham diferentes, falam coisas de cabelo duro. Quando eu era menor sofria preconceito no colégio aqui do lado, quando meu cabelo era bem mais cheio. Aí tinha duas pessoas que ficavam: Ah! Maria Betânia, a outra como é... Ah, tem outra cantora também, Vanessa da Mata. E hoje em dia eu não ligo mais e também esse final de semana estava no ônibus, aí eu peguei e falei, tipo no telefone, uma mulher branca, pegou meu cabelo e me olhou diferente, estranho. Hoje em dia eu não ligo, não.

Dandara declara que as pessoas opinavam sobre seu cabelo crespo e volumoso de uma maneira pejorativa. Em suas memórias da tenra idade, quando estudava em outro colégio, identificou que sofria preconceito, porque, em sua opinião, quando era mais nova seu cabelo era ainda mais cheio, por esse motivo as pessoas lhe comparavam com cantoras e lhe davam nomes das personalidades que usavam o penteado de cabelo parecido com o seu. As recordações do passado recente, ainda reverberam em suas lembranças, apesar de informar que atualmente não se importa com comentários maledicentes, mas destaca que os olhares de estranhamento permanecem. Conta que estava no ônibus quando percebeu uma mulher olhando de modo estranho para seu cabelo. Essa revelação deixa claro que ainda há muito preconceito sobre o cabelo crespo feminino porque existem identificações desses penteados com as estéticas afro-brasileiras. As opiniões das alunas a respeito das questões dos modos e vestir e pentear foram sendo expressas através das memórias vivenciadas pelas estudantes. São narrativas sensíveis, a partir das quais foi possível identificar sentimentos e percepções “marcadas” nos seus corpos.

Seguindo os estudos epistemológicos sobre identidades, tomamos como base as referências de (Gomes, 2002) e (Hall, 2006). Para (Hall, 2006) a identidade é algo não acabado, a qual precisamos ver como um processo em andamento. De acordo (Gomes, 2002), a identidade é a ideia que um indivíduo faz de si mesmo, de seu “eu”, mas é intermediada pelo reconhecimento obtido dos outros em decorrência de sua ação. Ela afirma, ainda, que nenhuma identidade é construída no isolamento.

Através das vozes das entrevistadas, é possível analisar os elementos que as jovens estudantes se identificam e se apoderam na construção das identidades. No processo das entrevistas, as estudantes foram oferecendo pistas e indicações dos perfis estéticos que distinguiam os jovens da periferia e dos bairros nobres. É o que aponta Marielle (2019):

Os perfis estéticos dos jovens da periferia e do jovem do bairro nobre são diferentes. Gosto de todos os estilos musicais, frequento o “paredão”, praia, show. Eu gosto de festa, tudo que tem festa eu gosto. Vamos supor que a pessoa identifica os jovens da periferia, na maioria das vezes pela maneira que se vestem com uma roupa diferente do que uma pessoa que não mora na periferia. [...] A gente da periferia gosta de usar uma roupa, mais da moda, mais estilosa e o povo da vida boa só quer usar aquela roupa sem cor, sem vida. [...] Os jovens da periferia “curtem” mais coisas da periferia, tipo os eventos que têm no bairro e tal, ao invés de frequentar os eventos fora, porque é gratuito e também nem sei.

Quando perguntamos: “você já vivenciou ou presenciou alguma situação em que tenha se sentido desrespeitada em função de sua roupa, corte de cabelo, raça, cor, corpo, classe social, linguagem e local de moradia”, (Conceição, 2019) deu a seguinte resposta, sobre a questão da cor: “eu me lembro que teve um dia que fui ao restaurante com minha tia e minha prima, chegando lá, minha tia pediu uma bebida. O garçom trouxe o copo para ela que era de pele branca e não trouxe para mim, então percebi um pouco de preconceito”. A percepção da jovem estudante está diretamente relacionada ao tratamento que pessoas afro-brasileiras recebem em determinados ambientes. Apesar de ser uma sociedade constituída, como vimos acima, com uma população de aproximadamente 80% de pardos e pretos, ainda é muito recorrente em Salvador, que famílias brancas ou de peles claras frequentem restaurantes acompanhadas de pessoas de peles escuras e estas, independente do grau de amizade ou parentesco, serem tratadas com preconceito, às vezes explícitos, como observamos no relato acima, outras vezes

dissimulados, em múltiplas e diversas ações veladas.

De acordo com Ribeiro (2019) as atitudes racistas muitas vezes estão imperceptíveis, seja em um gracejo feito ao comentar a respeito do cabelo, do corpo ou da sensualidade e explica que:

[...] é preciso notar que o racismo é algo tão presente em nossa sociedade que muitas vezes passa despercebido. [...] quando, ao escutar uma piada racista, as pessoas riem ou silenciam, em vez de repreender quem a fez – o silêncio é cúmplice da violência. Muitas vezes, pessoas brancas não pensam sobre o que é o racismo, vivem suas vidas sem que sua cor as faça refletir sobre essa condição. Por isso, o combate ao racismo é um processo longo e doloroso (Ribeiro, 2019, p. 213).

A esse respeito a estudante Zeferina (2019), respondeu quando foi entrevistada que já vivenciou situações de entrar no shopping, em uma loja, e o segurança achar que ela ia roubar alguma coisa. Ser considerada suspeita de atitudes de roubo porque é uma jovem mulher negra, por causa da cor da pele despertou em Zeferina sentimento de indignação e revolta num episódio que marcou de forma indelével suas memórias. Em outra situação a mesma se lembra de que “[...] eu estava no ponto de ônibus. Aí, passa um rapaz, fica dando psiu, gostosa! Aqui no colégio nunca aconteceu comigo, mas fora da escola já aconteceu várias vezes”, a narrativa revelou que sofreu com a afronta sexista proferida por homens que usaram expressões pejorativas machistas de cunho étnico-sexual que causaram profundo incômodo na estudante.

Os olhares, as atitudes e manifestações de desrespeito movidas por causa da sua cor, ocorridas tanto em um ambiente comercial de *shopping center* com insinuações de apropriação indébita de mercadoria, como por ser tratada, por homens, em ambiente público, como objeto sexual foram eventos que marcaram as lembranças de Zeferina que fez questão de deixar registrados e transparentes os seus profundos incômodo e constrangimento. Os abusos que elegeram corpos de mulheres negras como objetos sexuais remetem às lembranças dos processos de coisificação das mulheres escravizadas nas casas grandes e senzalas, usadas por senhores para satisfação sexual. Tais relações de abuso ainda perduram em nossa sociedade.

O processo de resistência adotado pelas jovens estudantes parece se orientar, cada vez mais, para movimentos de construção de identidades, à medida que colocam em prática a visibilidade da estética escolhida. Essa perspectiva indica o surgimento de um

campo de tensão no sentido que alimenta um processo permanente de avaliação/reavaliação. Quando se observam as manifestações/reações de aceitação das pessoas negras, de acordo com suas referências estéticas de beleza, elas são movidas por uma noção de estranhamento que necessita ser desfeita porque precisa de mediações e repetições de atitudes de conseguir ampliar, muitas vezes, as visibilidades.

A esse respeito, Silva (2005) sugere que ao trabalhar a razão de ser dos diferentes tipos de cabelo, ensinar como tratá-los, realizar concursos de penteados afros, trazer trançadeiras para trançar na sala de aula são algumas atividades que podem desconstruir a negatividade atribuída à textura dos cabelos crespos. Tais atividades podem contribuir para reforçar as identidades, a elevação da autoestima e a autoafirmação dos corpos juvenis, trazendo visibilidades às jovens estudantes do CEPMS. Algumas jovens relataram acontecimentos que chamaram a atenção pelo preconceito e pela discriminação vividas fora do colégio, e é curioso atentar que nenhuma afirmou ter vivido racismo ou nenhuma situação semelhante no âmbito escolar. Nesse sentido, as falas das estudantes nos despertam para percepção das diferenças culturais que elas observam no dia a dia entre a juventude. Além disso, o estranhamento discriminatório das pessoas diante da aceitação da estética e da cultura afro-brasileira. A ênfase é posta nas transformações culturais, de valores, de formas de pensar, de lidar com o corpo, com a sexualidade, de pensar-se...

Conclusão

Mesmo que as entrevistadas não tenham explicitado as percepções sobre a existência de preconceito racial no colégio, é muito provável que estivesse presente sob muitas formas veladas e dissimuladas em conteúdos prescritos na educação formal que tendem a reproduzir comportamentos e valores preconceituosos da sociedade. Encontramos no CEPMS, local da pesquisa, um universo de corpos marcados por memórias e silêncios. Memórias de tempos difíceis que podem ser destacados como impossibilidade letárgica de não saber como reagir em meio a um turbilhão de sentimentos que surgem no processo de formação identitária, cultural e sexual: uns se autoflagelam, se ferem; outros silenciam em seus próprios mundos, se fecham, se recolhem; alguns conviveram melhor na juventude com seus anseios enfrentado de muitas formas os desafios suaves ou dolorosos; mas todos que passaram pela juventude guardam marcas visíveis ou não.

Foi importante buscar construir uma mediação através da gincana para chegar a

conhecer as referências culturais e ancestrais das/dos jovens estudantes do 3º ano do Ensino Médio do CEPMS do bairro Mata Escura. Nas entrevistas identificamos evidentes questões de afetividade, de sexualidade, de inter-relações sociais e étnico-raciais que abrangem os silêncios, as marcas e as memórias criadas e recriadas nas trajetórias vivenciadas no cotidiano da cultura escolar nos corpos das jovens estudantes do 3º ano do ensino médio do colégio.

No transcorrer da pesquisa observamos que havia indícios de muitos usos das linguagens corporais das jovens estudantes do terceiro ano. Percebemos nos relatos das vivências, para além da problemática que direcionou o tema da gincana desde a abertura até o encerramento, que a dinâmica do processo tendeu para abertura de novas reflexões sobre as inter-relações das jovens estudantes, as identidades incorporadas na jornada e as invisibilidades que elas perceberam quando lembraram do acolhimento nas práticas pedagógicas vivenciadas no cotidiano da sala de aula e da cultura do CEPMS. Nesse sentido, inferimos que as jovens entrevistadas estavam se referindo à maneira de vestir-se e à forma estética de usar o cabelo. Avaliamos que há uma busca da autoafirmação que procura dar ênfase na visibilidade e na representatividade dessa estética, porque nem todos os alunos e alunas conseguem se inserir nesses grupos, seja pela questão da cultura familiar, no sentido da maneira como foram educados, seja por não se reconhecerem como partícipes desses grupos diferenciados, os *dreads*, os *blacks* e outros. Ainda assim, serão identificados como afro-brasileiras pela cor da sua pele.

Se consideramos com Bourdieu (2002) que a relação com o corpo não se reduz à imagem, à representação social subjetiva, mas se constitui também a partir da representação objetiva do corpo, do parecer enviado pelos outros: pais, colegas, pares etc., é possível compreender que essa relação vai sendo construída ao longo da vida de maneira cultural e identitária como um processo inacabado e contínuo. Em se tratando dos corpos das jovens estudantes afro-brasileiras que se inserem na relação de pertencimento material e simbólico como suportes de valorização dos fenótipos étnico-raciais é possível compreender que se trata de um processo de construção social que dado a ver nas escolas e disponibilizadas em outros meios de comunicação podem, em grande medida, influenciar as relações de gênero mediante a adoção de estética afro-brasileira de usos de roupas e cabelos.

Referências

- ALVES, Nilda. Cultura e cotidiano escolar. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, maio/jun./jul./ago., 2003.
- BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.
- GATTI, Giseli Cristina do Vale. **Tempo de Cidade, Lugar de Escola: Dimensões do Ensino Secundário no Gymnásio Mineiro de Uberlândia (1929-1950)**. 284f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia. Minas Gerais, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/13611/1/giseli.pdf>. Acesso em: 27 out. 2019.
- GOMES, Nilma Lino. **Educação e Identidade Negra**. 2002. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_pgs/Aletria%2009/03-Nilma%20Lino%20Gomes.pdf. Acesso em 18 jun. 2020.
- GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador: Saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2017.
- GOMES, Sandra Luiza Salgueiro Costa; SOUZA, Ana Paula Abrahamian de. A utilização de casos hipotéticos na/para pesquisas sobre corpo, gênero, sexualidades e educação. **Revista Cocar**, Belém do Pará, v.17 N.35. 2022, 1-15 p. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/issue/view/187>. Acesso em 20/01/2023.
- HALL, Stuart. **A identidade Cultural da Pós-Modernidade: nascimento e morte do sujeito moderno**. 10. ed. Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2006. 38-39 p.
- IBGE INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, Censo demográfico de 2010, Rio de Janeiro: IBGE, 2012.
- MATOS, Júlia Silveira e SENNA, Adriana Kivanski de. História Oral Como Fonte: Problemas e métodos. **Historiae**, Rio Grande, v. 2, n. 1, 2011. 95-108 p. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/2395>. Acesso em: 2 nov. 2019.
- RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo. Companhia das Letras, 2019.
- SILVA, Ana Célia da. **A desconstrução da discriminação no livro didático. Superando o racismo na escola**. 2ª edição revisada – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, 28 p.
- SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2011.

Entrevistadas

ZEFERINA, 16 anos, cor preta.

MARIELLE, 17 anos, cor branca.

MIRÍADE, 17 anos, cor parda.

DANDARA, 18 anos, cor preta.

CONCEIÇÃO EVARISTO, 18 anos, cor preta.

Notas

ⁱ O artigo é resultado de pesquisa mais ampla defendida como dissertação.

ⁱⁱ [Gíria] Ressentimento ocasionado pelas mais variadas razões; mágoa, ranço.

Sobre os autores

Joelma Floriano Tosta Gomes

Mestra em Educação e Contemporaneidade (UNEB/PPGEDEC). Professora da Rede Estadual de Educação da Bahia (SEC/BA) e na Rede Municipal de Educação de Salvador (SEMED) atua no ensino médio e na EJA. Licenciada em Pedagogia pela (UFBA) e em História pela (UNEB). Especialista em Planejamento e Gestão na Educação (UNEB), em História e Cultura Afro-brasileira (UNYLEYA) e em História do Brasil (IBIO). Pesquisadora do GEHCEL sobre o corpo juvenil e às relações étnico-raciais em escolas.

E-mail: joelma.tosta@nova.educacao.ba.gov.br e negracor29@gmail.com.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0489-6249>

Gilmario Moreira Brito

Doutor em História Social (PUC - SP). Professor Titular da Universidade do Estado da Bahia, DEDC, PPGEDUC, Campus I; líder do Grupo de Estudo Educação, História, Culturas e Linguagens – GEHCEL – coordena as pesquisas "Histórias de poetas e de leitores de folhetos de Cordel da EJA de Escolas do Município sobre o cotidiano de Salvador entre 1940 e 1960" e "Livros e impressos didáticos de história para orientar práticas pedagógicas de professores e alunos da Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos de 1947 a 1950".

E-mail: gilmariobrito@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9349-1993>

Recebido em: 08/01/2024

Aceito para publicação em: 21/11/2024